

MACHADO, Carlos Eduardo Jordão (org.), MACHADO JR., Rubens (org.) e VEDDA, Miguel (org.). *Walter Benjamin: experiência histórica e imagens dialéticas*. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

*Flávio Dantas Martins*

Fruto da colaboração entre docentes e pesquisadores brasileiros, em especial de São Paulo, e argentinos, a coletânea de 34 estudos, *Walter Benjamin: experiência histórica e imagens dialéticas* é um livro com várias camadas e um guia para várias viagens. Ao mesmo tempo em que oferece i) uma introdução ao pensamento do autor ao estudante que não conhece o vasto horizonte de questões no qual ele ofereceu reflexões criativas, a coletânea é ii) um atestado da atualidade de Walter Benjamin e iii) uma atualização dos seus temas de reflexão para aqueles que se dedicam ao estudo do autor alemão, mas que não dão conta de acompanhar a vasta profusão de publicações que dialogam com seu pensamento. Um verdadeiro Virgílio coletivo para pensar sobre Benjamin ou com Benjamin, seja para o Dante que ainda vislumbra o primeiro olhar sobre as ruínas do inferno ou para aquele iniciado que quer um panorama dos vários campos de estudos que o *flâneur* dos anos sombrios tem ajudado a descortinar. O livro é uma Babel – embora a alegoria não seja feliz por pressupor a confusão, enquanto a coletânea exemplifica a colaboração em várias línguas nacionais e disciplinares –, ainda que não contenha nenhum texto de autores que trabalham atualmente com ideias de Benjamin para pensar questões próprias do campo dos estudos pós-coloniais ou da modernidade nos sertões.

Alguns capítulos são interessantes por trazerem o problema da história-memória para questões atuais, mostrando que o problema da rememoração e do esquecimento na história é ainda uma questão política contemporânea. Aliás, é assim que começa a coletânea, com a provocação que Jeanne Marie Gagnebin, no capítulo 1, faz a respeito do Brasil, país eternamente do futuro no qual não é necessário ter memória (p. 3), onde não há vítimas e carrascos de uma ditadura – ditabranda? (p. 4-5) – mas anistiados de uma ditadura que acabou (?), *pero no mucho* para pobres, negros e outras categorias de oprimidos (p. 6). Acrescentaria como a emergência da história indígena e a consolidação dos estudos históricos das

populações afro-brasileiras criaram campos permanentes do debate a respeito da atualidade da construção da história e de como os oprimidos são mortos duas vezes, quando sua memória é negada, na história em si e nas narrativas dos vencedores e vencidos a respeito da mesma, indicando que os estudos da teoria da história benjaminiana e dos oprimidos da história brasileira, indígenas, negros, camponeses tem um potencial enriquecimento mútuo caso dialoguem.

Vários capítulos tratam de mídias, com destaque para literatura, cinema, teatro e música, mas que poderiam muito bem oferecer *insights* para estudiosos de rádio, televisão e internet. Gábor Gángó e Miguel Vedda trazem interessantes análises de como os contos de fadas foram vistos como importantes pedagogias do utópico após a revolução húngara e na República de Weimar. O mito restringe homem aos limites enquanto o conto é transgressor, o mito é passado, conto é ativo (p. 185). Martin Koval analisa a teoria do romance de formação que Benjamin desenvolve a partir da obra do jovem Lukács, suprassumindo a teoria do romance deste último com O Narrador (p. 236). Esse capítulo que dialoga com o anteriormente citado de Vedda e com a análise de Francisco Garcia Chicote acerca da recepção de *História e consciência de classe* pelo crítico alemão. *História e Consciência de Classe* e *Teoria do Romance* tiveram influência devastadora na intelectualidade alemã e se tornaram objeto de culto (p. 181). A relação entre Benjamin e Kafka é objeto de interessante capítulo de Emiliano Orlante e Martín Salinas, visto que o esquecimento sustenta o poder do Estado em Kafka. As afinidades com o surrealismo enquanto objeto de crítica literária e com sua filosofia da história são abordadas em estudo de Daniel Alves Azevedo e Rafael Eduardo Franco, tratando das relações entre poética e política e do modo de vida reencantada (p. 232).

A relação entre Benjamin, o teatro épico de Brecht e a música do compositor comunista de *agitprop* Eisler no problema do autor engajado na arte contemporânea é abordada por Manoel Dourado Bast, analisando os problemas da música ultrapassando as classes e de ser ineficaz como arma política (p. 222-223). Bern Stiegler discute as inovações da *Pequena história da fotografia* de Benjamin nos campos da história da fotografia, da estética, da sociologia da arte, dos vários campos da fotografia e da historicidade da percepção (p. 24), em especial porque o

conceito de arte como revelação individual, teológica é desmitificado pela fotografia, pelo cinema e pela técnica (p. 29). Stiegler destaca que texto chamou atenção para a mudança da percepção da natureza e da sociedade operadas através do olhar pela câmera (p. 28) e faz relações entre esse texto e a teoria da memória de Benjamin, na qual o cenário do passado está soterrado e é uma espécie de placa de exposições (p. 41). A história do cinema a contrapelo, inspirada nas ideias do crítico alemão, levaram o organizador do livro, Rubens Machado Jr, a analisar o cinema marginal e experimental no Brasil dos anos 1970, uma produção intensa, atomizada, fragmentada que não tem sido vista pelos pesquisadores (p. 364), viabilizada pela popularização da Super-8 que viabilizou a difusão da produção em cinema (p. 366) inclusive com peças muito ricos em alegorias sobre a ditadura . Artur Sinaque Bez faz algo semelhante para pensar o cinema engajado dos documentários na periferia do capital, sobretudo na ruptura de um contexto em que há interesse do proletariado pelo cinema, mas este está sob tutela do capitalismo que mistifica e apazigua os conflitos (p. 376). A função do cinema crítico torna-se a de documentar a realidade que não se quer ver pela invisibilização da pobreza, tendo como exemplo o cinema revolucionário que combate o neocolonialismo persistente na América Latina (p. 378-379), numa visão da história à contrapelo nos documentários. A Babel enquanto alegoria, conceito benjaminiano de *Origem do drama trágico alemão* é usada para pensar o clássico do cinema *Metropolis* por Ismail Xavier, em especial os personagens-personificações típicas das narrativas alegóricas (p. 343). Rafael Morato Zanatto por sua vez trata como objeto de estudo o cinema soviético, em especial a técnica de montagem de Sergei Eisenstein em *Encouraçado Potemkim*, a partir de reflexão que dialoga com *A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica*. Ainda sobre história do cinema Ana Amélia da Silva trata dos nexos entre a memória e história do cinema no pensamento de Jean-Luc Godard e a influência de Benjamin em seu pensamento, como a noção de que o passado é de grande atualidade, pois a vitória da opressão escraviza os mortos, enquanto a emancipação os libera (p. 414). A questão da montagem técnica no cinema também é analisada por Nicolau Bruno de Almeida Leonel, discutindo as ideias de citação e montagem de forma dialética. Mostrando Benjamin ao lado de Kracauer e Arnheim como autores que refletiram acerca da questão do ator no cinema na década de 1930, Fábio Raddi

Uchôa mostra uma faceta pouco conhecida, com destaque para a ideia que a interpretação do ator de cinema é fragmentário e a totalidade lhe é desconhecida ao mesmo tempo em que o ator conquista o poder de massa – e pelo seu custo, o cinema precisa ser de massas (p. 386-387), também discutindo a interessante ideia que as estrelas de cinema são mercadorias distintas dos filmes e suas expressões faciais podem ser perfeitas e usadas como metáforas com imagens objetivas (p. 390).

A reflexão sobre a melancolia e o diálogo com a psicanálise também são marcantes na obra de Benjamin e nos estudiosos do seu pensamento – ou que dialogam com seu pensamento e com a psicanálise. O problema da melancolia, importante questão contemporânea, relacionado à depressão epidêmica neste século XXI é objeto de alguns estudos relacionando o crítico alemão com Adorno – caso do capítulo de Toni Tholen –, Freud – com estudo de Maria Rita Kehl e capítulo sobre a filosofia da história de Benjamin de María Castel –, Jung a partir do conceito de inconsciente ótico – em capítulo de Gustavo Henrique Dionisio. A reflexão sobre a melancolia, inclusive pelo xeque da ideologia do progresso e pelo avanço do conservadorismo é uma das questões mais importantes da política na atualidade e algumas ideias do escritor alemão ainda podem ser poderosos ingredientes na análise social.

Em outros campos de estudo, o impacto da obra de Walter Benjamin é fundamental: para a questão da tradução, Leandro Candido de Souza tem um interessante artigo abordando a problemática em Haroldo de Campos e no campo dos estudos da educação, Max Alexandre Gonçalves analisa seus textos e ideias sobre brinquedo, enquanto Raquel Lazzari Leite Barbosa, Denice Barbara Catani e Dislane Zerbinattu Moraes realizam estudo quantitativo e qualitativo, através dos periódicos em educação no Brasil, sobre os usos das ideias do autor no Brasil.

Sem dúvida, uma das principais contribuições do escritor alemão é sua crítica da **ideologia do progresso**. Em tempos de desenvolvimento sustentável, que substituiu os desacreditados progresso, crescimento e desenvolvimento, erodidos pela crítica dos oprimidos. Jörg Zimmer faz um interessante estudo comparativo dos conceitos de progresso e recordação nas obras de Ernst Bloch e Benjamin, discutindo como a noção de progresso entende que se superou o passado e se reduz o

presente ao contemporâneo (p. 118), como também a interessante ideia que recordar é despertar forças dos oprimidos, por isso o progresso é inimigo do passado idêntico ao presente (p. 128). Um dos organizadores, Carlos Eduardo Jordão Machado, também é autor de um capítulo sobre o conceito benjaminiano de tempo histórico, antagônico das concepções da ideologia do progresso do liberalismo e da social-democracia. Alguns temas importantes são trazidos à tona, como o de que a montagem literária permite pensar a história em suas rupturas, ao contrário da narrativa tradicional que dá ênfase na continuidade (p. 137).

Outros textos tratam de conceitos e abordagens mais específicas do autor. A sua teoria da alegoria e o conceito marxiano de fetiche é objeto de capítulo de Jorge Grespan, abordando problemas importantes como o de capital especulativo como o mais radical fetiche da mercadoria, no qual o dinheiro brota de forma mágica (p. 53) e o de que, em Benjamin, o fetiche e o caráter religioso do capitalismo não são metáforas, mas dados da natureza do capitalismo (p. 54). Wellington Durães Dias aborda o problema das exposições universais, tema relevante do projeto das *Passagens* de Benjamin. A erótica no pensamento do escritor e sua relação com a política é analisada por María E. Belfore. Willi Bolle e Erdmunt Wizisla, em dois capítulos importantes, tratam do método de investigação e escrita de Benjamin: o primeiro pensa a construção das *Passagens*, enquanto o segundo analisa as montagens alternativas do texto *Um instituto alemão de livre pesquisa*. Outro estudo instigante, revelando que o método comparativo é uma tendência nos estudos sobre Benjamin, é o de Marília Mello Pisani, abordando a problemática da revolução no autor das *Passagens* e suas reinvenções por Hebert Marcuse. A metrópole urbana é um tema proeminente no referido projeto e é tratado por Michael Löwy, que pensa a urbanística haussmanniana como luta de classes. Olgária Matos faz um sofisticado capítulo sobre a metrópole nas *Passagens* e a percepção de tempo e estratégias de domínio. Infelizmente, a geografia urbana não descobriu o potencial criativo da síntese com a obra inacabada de Benjamin, apesar que algumas comparações entre a obra sobre Paris do alemão e o livro *Paris: capital da modernidade* de David Harvey, cuja tradução brasileira é do presente ano, indicam o início disso.

Um livro tão heterógeno, cujo diálogo e estudo da obra do escritor alemão constituem o fio de Ariadne, não pode ser discutido em espaço tão breve sem

omissões e com a superficialidade. Certamente, contribuirá para que novos estudantes se interessem pelo contato com a obra de Benjamin. Àqueles que já têm algum contato perceberão a vastidão dos campos de estudo para os quais o seu pensamento é capaz de oferecer insights criativos. O público em geral poderá perceber a atualidade de sua crítica da ideologia do progresso técnico, ideologia hegemônica em discursos de desenvolvimento sustentável e práticas destrutivas que conduzem povos, cidades e nações inteiras à um amontoado de ruínas. Que a leitura do livro, assim como as estarrecedoras imagens de lama soterrando cidades, rios mortos, recordes de aquecimento climático, espécies em extinção e desertificação de florestas possam contribuir para que se puxe o freio de mão da locomotiva que nos conduz a todos ao desastre ambiental e humano.